

MEDO...

28 - III - 54

Raul Pilla

RACHEL DE QUEIROZ quisera ser parlamentarista, mas tem medo: medo da possibilidade de cair o Ministério na mão de um Vargas, de um Janio. Há muita gente que também tem medo: uns de boa fé, como a eminente escritora, outros sem sinceridade, pois o medo que têm é o de perder as posições onde se acham confortavelmente instalados ou pretendem instalar-se. Com estes não se argumenta: não o merecem. Mas os que têm sinceramente medo, medo patriótico, medo não por si mesmos, senão por todos nós, esses merecem que com eles conversemos.

E' o medo o menos razoável dos sentimentos: quem dêle se deixa tomar, perde o seu rigor lógico. O medo, exclusivamente, é quem passa a ditar-lhe as conclusões.

Verifica-se isto claramente na, como tôdas, brilhante crônica de Rachel de Queiroz, de uma semana atrás, que sômente agora comento, por ter sido jogado de um lado para outro, pelos azares da atividade política.

Teme a insigne escritora, a qual mais, muito mais do que uma escritora, é uma nobre mulher, teme ela que, recebido o mandato e não tendo prazo determinado para o entregar, qualquer dos nossos eminentes caudilhos vá alimentando com pão de ló a sua maioriazinha e se vá eternizando, eternizando...

Ora, perpetra aqui Rachel de Queiroz o erro, comum a muita gente, de raciocinar em relação ao funcionamento do sistema parlamentar, como se fôsse o mesmo sistema presidencial que aí está e outra, muito diversa, não fôsse a sua dinâmica. Esquece ela, sobretudo, que, no vigente sistema, o presidente da República, eleito diretamente pelo povo por prazo fixo e irredutível e dispondo de poderes só comparáveis aos dos antigos monarcas, tem tôdas as facilidades, não só para ir alimentando a sua «maioriazinha», mas também para dominar uma verdadeira maioria. E esquece que, no sistema parlamentar, sai o govêrno do seio da maioria, de a fica pendente e pode cair por uma simples votação. O govêrno, então, em vez de ser determinante, como acontece no presidencialismo por ter a sua origem fora do Congresso, torna-se determinado, em vez de fazer a sua maioria, é feito por uma maioria, que a qualquer momento, e às vêzes da maneira mais inesperada, lhe pode fugir.

Pois não é, justamente, o da instabilidade do govêrno parlamentar o grande argumento dos presidencialistas? Haveria a apregoada instabilidade, se o govêrno pudesse afeiçãoar e dominar facilmente a sua maioria? E' evidente que a notável escritora, sem embargo de sua grande inteligência, raciocina a respeito de parlamentarismo em termos de presidencialismo, que é realmente o sistema político mais adequado à proliferação da demagogia e do caudilhismo. E tudo isto por medo, como ela mesma reconhece...